



REVIEW / RESENHA / OPINIÓN

## A metodologia da problematização com o Arco de Maguerez: uma reflexão teórico-epistemológica - resenha



Elizabeth Teixeira<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Enfermeira. Professora Adjunto da Faculdade de Enfermagem da UERJ. Boulevard 28 de Setembro 157, Vila Isabel, Rio de Janeiro-RJ. Telefone:(21) 2868-8236. Email: etfelipe@hotmail.com

### RESENHA

A obra em destaque interessa a todos que utilizam metodologias ativas na educação superior em geral, e na Educação em Enfermagem em especial, que ganhou destaque a partir do advento das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), que valorizam e recomendam tais abordagens.

O prefácio foi escrito por Georges Maguerez, filho de Charles Maguerez, criador do Arco de Maguerez (AM), que ressalta a importância do livro por favorecer extensão para a vida e obra de seu pai. O livro apresenta-se organizado em duas partes: “Três versões de explicação para o Arco de Maguerez” e “Em busca de uma fundamentação epistemológica para o Arco de Maguerez”.

A primeira versão (Capítulo 1) tem como subsídio a perspectiva original de Charles Maguerez. O contexto em que o autor desenvolveu o arco foi a formação profissional de adultos analfabetos; acreditava que a progressão do aprender se dava pela sucessão de arcos. Os passos descritos são: observação do real, observação de uma maquete, simbolizando o real, discussão de conteúdos, execução sobre a maquete, execução na realidade.

Quando esteve em consultoria no Brasil, no Estado de SP, Charles Maguerez propôs um “esquema pedagógico”, que depois foi denominado “esquema do arco”, com os respectivos passos, inserido num documento publicado em 1970 que apontava “elementos para uma pedagogia de massa na assistência técnica agrícola”. A autora refere “encontramos indicadores de um direcionamento completamente centrado na figura do assistente técnico [...]” (p.46).

A segunda versão (Capítulo 2) tem como fonte as produções de Juan Dias Bordenave e Adair Martins Pereira, que divulgam o trabalho de Charles Maguerez no Brasil na segunda metade dos anos 1970. O contexto dos autores foi uma proposta de formação de professores. Os passos descritos são: observação da realidade (problema), pontos-chave, teorização, hipóteses de solução, aplicação à realidade (prática). Os autores apoiam-se em premissas de Paulo Freire, Jean Piaget, David

Ausubel, dentre outros, anunciando-se uma “educação problematizadora”.

A terceira versão (Capítulos 3 e 4) é da própria autora, consubstanciada a partir de seus estudos, aplicações e publicações, no âmbito da educação superior, em que emerge a “metodologia da problematização”.

Num primeiro momento a autora aponta diferenças entre a metodologia da problematização e o método de resolução de problemas (aprendizagem baseada em problemas) porque acredita que avança “na perspectiva da *trans-form-ação*”. Num segundo momento define convergências da metodologia da problematização com o construtivismo pedagógico, teorias críticas e histórico-crítica, com a pedagogia problematizadora de Paulo Freire e com o conceito de práxis, entendida como “atividade transformadora, consciente e intencionalmente realizada”.

Esta primeira parte do livro elucida as diferentes versões ao longo do tempo, e possibilita a identificação de um *continuum* até se chegar à metodologia da problematização proposta pela autora, que conclui essa parte da obra afirmando que “[...] se Bordenave e Pereira deram um sentido novo para o Arco [...] também nós realizamos um processo de reinterpretação da proposta de Bordenave e Pereira em vários aspectos [...]” (p.104).

Na segunda parte da obra (Capítulos 5 e 6), a autora busca uma fundamentação para o Arco de Maguerez, apoiando-se em Dermeval Saviane para responder a questão “a que pedagogia (s) pode estar ela (a metodologia da problematização) associada? Com base em Sílvio Sánchez-Gamboa busca resposta à questão “que concepção de conhecimento pode melhor explicar a metodologia da problematização”?

Ao analisar as três versões do arco, a autora aponta que a primeira (original) é um “misto” de pedagogias, tanto da vertente tradicional como das pedagogias novas ou renovadas segundo a classificação do autor de referência; a segunda versão também se apresenta “mista”, mas somente das pedagogias novas ou renovadas; a terceira, como a segunda, traz aspectos das pedagogias novas ou renovadas, mas traz com mais ênfase características e princípios da pedagogia crítica.

Tendo em vista que as duas primeiras versões não indicam a pesquisa como atividade a ser realizada durante o processo ensino-aprendizagem, somente a terceira, a autora só analisa a concepção de conhecimento da metodologia da problematização. Considerando os três enfoques epistemológicos apontados pelo autor de referência, refere que tem características tanto do enfoque fenomenológico-hermenêutico como do crítico-dialético.

É interessante como a leitura da obra possibilita a visualização do movimento de distanciamento da proposta original do arco até a versão da autora, mesmo se admitindo a influência decisiva de Charles Maguerez como fonte inspiradora das elaborações. A metodologia da problematização se destaca, por exemplo, quando “busca ultrapassar a práxis cotidiana e exercitar, em algum grau, a práxis revolucionária, no âmbito da educação, mesmo que em proporções singelas” (p.195).

A autora propõe a metodologia da problematização como metodologia de ensino, de estudo e de trabalho, que parte da *observação da realidade* social-concreta a partir de um tema ou unidade de estudo, avança para a identificação do *problema* e formulação dos possíveis determinantes maiores do problema, segue à *teorização*, indica *hipótese de solução* para chegar a *aplicação à realidade*.

Indica-se a leitura para educadores e educandos, pois todos estão envolvidos com o processo de ensino-aprendizagem. A metodologia da problematização possui um potencial estimulador do processo e poderá aumentar a autonomia dos envolvidos e a consciência crítica. Nesta metodologia, teoria e prática são compreendidas numa relação dialética “e por ser dialética, não procura o equilíbrio, o ajuste, a acomodação de uma à outra, mas a sua contradição, ou seja, há uma tensão permanente entre elas, que se sintetiza na práxis. É por esse modo que o conhecimento avança” (p.194).

## REFERÊNCIA

Berbel NAN. A metodologia da problematização com o Arco de Maguerez: uma reflexão teórico-epistemológica. Londrina: EdUEL; 2012.